

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/quemsomos)

(49) 3322.0033 / (49) 3329.7670

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/anuncie)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/contato)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/revista)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/revista/materias)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/eventos)

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/blog)

Encontre na Flash Vip

20° C

(http://www.revistaflashvip.com.br/site/revista/assine)

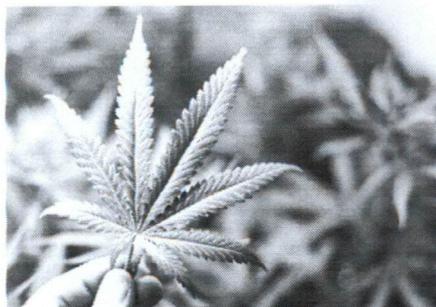
(https://www.facebook.com/revistaflashvip)

Página inicial (<http://www.revistaflashvip.com.br/site>) > Matérias (<http://www.revistaflashvip.com.br/site/revista/materias>) > Especial (<http://www.revistaflashvip.com.br/site/revista/materias/edicao/um-debate-sobre-a-legalizacao/editoria/especial>) > Maconha

ESPECIAL

(<http://www.magtab.com/flash-vip/>)

MACONHA



Ela está nas capas de revistas, na televisão e nas passeatas. É discutida em casa, no trabalho, em sala de aula, no Senado e em audiências públicas. Virou tema de estudo em laboratórios, documentários, reportagens e projetos de pesquisa. É debate na política e na medicina. Até o Papa já tocou no assunto. Ou seja, goste você ou não, falar sobre a maconha se tornou popular.

Por Greici Audibert e Maria Carolina Bonamigo

Todo mundo tem uma opinião sobre o assunto e fica fácil encontrar pessoas para falar, embora algumas optem pelo anonimato. Um escudo para evitar a discriminação de quem se posiciona a favor da legalização da maconha no Brasil. "A discussão está mais presente nos meios comuns, principalmente com as mudanças em alguns estados americanos e no Uruguai. Mas, infelizmente, ainda existem muitos tabus sobre o assunto. É preciso desmistificar o tema para que ocorra um debate mais sério", considera Maria Joana, nome fictício escolhido por uma funcionária pública aposentada, que prefere não se identificar. É por isso, segundo o doutor em Sociologia, Leonardo Santos, professor da Universidade Federal da Fronteira Sul, que o debate não pode se reduzir a uma dimensão moralista. "Não está se discutindo o que é certo e o que é errado, mas sim qual a melhor forma de lidarmos com substâncias que milenarmente fazem parte da civilização", observa.

O fato é que 75% da população é contra a legalização da maconha no país. O índice faz parte do Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad), realizado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (Unifesp). A pesquisa, no entanto, é de 2012. De lá para cá, muita coisa mudou, principalmente nos últimos meses, depois que o Uruguai assegurou o acesso legal à maconha por meio de autocultivo, com até seis pés por moradia; pela participação em clubes de cultivo, com 15 a 45 membros; ou pela aquisição a partir de um sistema de registro controlado pelo governo. E os reflexos respingam aqui. "Países como Uruguai têm demonstrado que é necessário um debate republicano sobre o consumo de drogas. Além disso, a medida, até então, não tem demonstrado efeitos colaterais. Muito pelo contrário. Está mostrando resultados positivos, como a redução da violência e a discussão franca e aberta sobre o tema", avalia Leonardo.

Segundo o secretário nacional de drogas do Uruguai, Julio Heriberto Calzada, o país não registrou mortes ligadas ao tráfico após a legalização. A declaração foi feita no dia 02 de junho, durante o primeiro debate sobre o tema promovido pela Comissão de Direitos Humanos no Senado. O objetivo é analisar uma proposta de iniciativa popular apoiada por 20 mil pessoas e que define regras para o uso recreativo, medicinal e industrial da maconha no Brasil. Segundo o senador Cristovam Buarque (PDT), que coordena o ciclo de audiências, a ideia é ouvir autoridades, lideranças sociais e intelectuais e elaborar um parecer sobre a possibilidade de regulamentação.



**Revistaflashvip
Flashvip**

Curtir

7.872 pessoas curtiram Revistaflashvip Flashvip.



Plug-in social do Facebook

médica, o cigarro de maconha também piora todos os quadros psiquiátricos. "E 25% da população tem algum transtorno psiquiátrico, dos mais leves aos mais graves. A inalação pode desencadear uma primeira crise e aí mudar completamente a história natural da pessoa. Claro que isso não quer dizer que todo mundo que fumar vai ter. Mas é como se estimulasse algo adormecido".



1,5 MILHÃO DE USUÁRIOS

O Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad) apontou em 2012 que 1,5 milhão de adultos e adolescentes usam maconha diariamente no Brasil. Mais de 3 milhões de pessoas, entre 18 e 59 anos, fumaram maconha no último ano e 8 milhões de adultos já experimentaram a droga alguma vez.

MACONHA DO BEM

A maconha, porém, possui 400 substâncias e, entre elas, está o canabidiol. Diferentemente do tetrahydrocannabinol (THC), elemento psicoativo encontrado na cannabis sativa, ele não dá "barato" e passa atualmente por diversos estudos, inclusive no Brasil. "Não é necessário legalizar a maconha para o uso do canabidiol. Basta organizar ou modificar a lei para importação da substância", acredita Lucinda, se declarando contra a legalização da droga, assim como a Associação Brasileira de Psiquiatria. Já o Conselho Federal de Medicina, por meio de nota oficial, afirma que o "profissional médico tem autonomia para prescrever ou não qualquer medicamento, sempre respeitando a autonomia do paciente e informando-o sobre o diagnóstico, prognóstico, riscos e objetivos de cada tratamento". Sobre a liberação de medicamentos feitos com substâncias encontradas na maconha, afirma que desenvolve discussões para posterior envio e análise de uma comissão específica.

É pela liberação dessas substâncias, a exemplo do canabidiol, que lutam Katiele e Norberto Fischer, pais de Anny, de seis anos, portadora da síndrome CDKL5, doença genética que provoca deficiência neurológica grave e grande quantidade de convulsões. O caso da menina ganhou repercussão depois de ser veiculado na televisão. Em abril, o casal obteve na Justiça a liberação para importar o canabidiol, usado em medicamentos para combater os efeitos da síndrome. Os pais de Gustavo Guedes, que tinha um quadro parecido com o de Anny, também brigavam para ter acesso ao medicamento. Conseguiram na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) a autorização para trazer o remédio, que demorou a ser liberado pelas autoridades brasileiras. No dia 1º de junho, Gustavo, de um ano e quatro meses, morreu vítima de complicações da doença.

A Anvisa, agora, estuda alterar o processo de importação de medicamentos a base de canabidiol, que seria retirado da lista de substâncias de uso proscrito e entraria para a lista de substâncias de controle especial (comercializado com receita médica de duas vias). Segundo estudos científicos, ele tem utilidade médica para tratar diversas doenças, entre elas, neurológicas. "O